

EDUCAÇÃO E POBREZA IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA NA FRANÇA E NO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM SERGE PAUGAM

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos¹⁰
Paula Almeida de Castro¹¹

RESUMO

Serge Paugam é entrevistado sobre o tema Pobreza e Educação na França e no Brasil. A entrevista teve como objetivo ouvir o autor sobre as novas formas de integração social a partir da crise econômica que vem sendo enfrentada pelos países da Europa a partir de 2008 e teve como foco o caso da França. O entrevistado é um renomado estudioso da questão da desqualificação social que envolve a Pobreza e a Educação e desenvolve atualmente estudos em países em desenvolvimento como o Brasil e a Índia sobre o tema. A entrevista contribui em especial para a ampliação do conceito de pobreza não o limitando à questão econômica e ainda contribui para o entendimento dos diferentes tipos de ligações sociais que permeiam a vida de uma pessoa e que podem levar ou não a sua integração social.

Palavras-chave: Pobreza, educação, desqualificação social

ABSTRACT

Serge Paugam is interviewed on the topic Poverty and Education in France and Brazil. The conference aimed to hear the author of the new forms of social integration from the economic crisis faced by countries in Europe from 2008 and focused on the case of France. The respondent is a renowned scholar of the issue of social disqualification involving Poverty and Education and is currently developing studies in developing countries like Brazil and India on the issue. The interview contributes in particular to the expansion of the concept of poverty is not limited to the economic issue and also contributes to the understanding of the different types of social links that permeate the life of a person and that can lead or not their social integration.

Key Words : Poverty, education, social disqualification

¹⁰ É professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd). Também é PROCIENTISTA da FAPERJ/UERJ.

Foi Senior Scholar na British Columbia University (UBC). Coordena o Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) e o grupo de pesquisa Etnografia e Exclusão. Email: clgmattos@gmail.com

¹¹ Professora Doutora do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores. Coordenadora Institucional do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Email: emailsdapaula@gmail.com

Num momento em que países da Europa e da América do Norte enfrentam duras batalhas contra a crise econômica iniciada em 2008, países estes que se mantiveram na maior parte do século XX, à frente de tantos outros no cenário mundial e hoje apresentam sua hegemonia financeira absolutamente abalada, num momento em que as desigualdades socioeconômicas e educacionais ainda são preocupantes em todo o mundo, ouvir um acadêmico preocupado em estudar a pobreza se faz necessário, na medida em que se busca, não somente conhecimentos que possam auxiliar o entendimento sobre o enfrentamento da crise econômica na França como, também, elementos teóricos que formulem bases para compreender esse fenômeno além de suas injunções econômico-financeiras. É neste contexto, que ouvimos Serge Paugam e que dialogamos sobre o tema Pobreza e Educação.

Este artigo apresenta uma entrevista com o professor Serge Paugam, Sociólogo francês e diretor de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), realizada no escopo dos estudos desenvolvidos pelo (AUTOR E INSTITUIÇÃO). É parte da pesquisa: *Gênero e Pobreza: Práticas, Políticas e Teorias Educacionais - imagens de escolas* (AUTOR, 2012) e dos estudos de Pós-Doutorado realizado pela autora na Universidade de Cambridge (CAM), no Reino Unido, no período de junho a setembro de 2012. Nestes estudos foram exploradas as relações entre a pobreza e a escolarização, que permeiam os dados obtidos pela pesquisa. A entrevista abordou a natureza das desigualdades relacionadas à pobreza e suas relações com a educação. Buscou-se compreender o conceito de pobreza em sua dimensão prática, delineando as formas sobre os diferentes tipos de exclusão social que envolvem pobreza.

A obra de Paugam é referência de leitura obrigatória para os seminários de pesquisa do Grupo de Pesquisa (GRUPO DE PESQUISA COORDENADO PELO AUTOR E INSTITUIÇÃO). Neste grupo, o tema Pobreza e Educação é percebido e estudado de forma a contribuir para a construção do conhecimento sobre pobreza, desigualdades e exclusão.

Uma teoria sobre a pobreza foi desenvolvida por Paugam (1994) em seu livro *A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. Nele o autor representa uma

visão sobre a pobreza na França, visão esta que ecoou até o Brasil pela contemporaneidade, pela similaridade com os processos de tratamento da pobreza em termos globais e pela contribuição para a conceituação do tema. Na atualidade, a nova pobreza, enquanto teoria e vivência, ganha nova roupagem, visto que, a crise econômica mundial instiga pesquisadores e estudiosos a entenderem como a França e outros países do chamado primeiro mundo enfrentam as novas formas de contingência socioeconômica que interferem no cotidiano dos indivíduos pobres e ricos, de modo drástico, modificando assim as relações entre a escola e a instituição escolar.

Nesta direção, a entrevista com Paugam tem como ponto de partida o quão jovem é esta nova pobreza por ele explicitada e como esta impacta a área da educação. Nela o autor conceitua pobreza e explica como ela se relaciona à educação no que diz respeito às relações entre os alunos, seus pais, professores e a escola de modo geral.

A entrevista evidencia a importância do trabalho de Paugam no contexto dos estudos sobre a exclusão. Informa que existem pelo menos quatro formas de relações sociais que levam a integração social e, portanto, à superação das desigualdades e da pobreza. O entrevistado descreve como a escola deixou de ser um ponto de referência para a ascensão sócio-profissional, revelando as mudanças nas relações entre esta e o trabalho. Finalmente, Paugam explora os estudos que vem empreendendo sobre a pobreza na ótica dos mais ricos de São Paulo/Brasil, Índia e França.

Pobreza e Educação na perspectiva do autor

Entrevistador – Em sua opinião, qual é a relação entre pobreza e educação?

Serge Paugam – Se eu bem entendi, poderíamos dizer que a questão da pobreza está sim ligada à educação. Não à ausência de educação, mas, acredito, às dificuldades que podemos encontrar no aprendizado, na escola em particular. Muitas pessoas são hoje deixam o sistema escolar com pouca ou quase nenhuma qualificação. Esse fenômeno é preocupante. Podemos falar de uma ruptura escolar. Muitos jovens são particularmente dominados no sistema escolar e, muitas vezes, chegam a perder a ligação com a instituição e a abandonam antes do fim de sua escolarização.

Às vezes, eles são excluídos da escola por terem um comportamento inaceitável àquele meio. Claro que há também o problema do aprendizado e das

dificuldades de integração escolar que explicam esse fenômeno: essa ligação entre a escola, a educação e a pobreza. Eu diria que não é o único problema porque a educação não é somente um problema da escola, e sim, também, da relação entre o meio familiar e a escola. Nesta relação, sabemos claramente que os jovens de meios populares, que vivem em condições de existência particularmente precárias, têm muito mais dificuldades em se adaptar à escola. Eles lidam, desde a entrada nas primeiras classes, na escola primária, com inúmeras dificuldades de adaptação, e nunca se sentem em um ambiente confortável, de confiança. Dessa forma, essas pessoas interiorizam desde cedo a ideia de que elas não são feitas para a escola.

A escola não consegue fazer com que os alunos deem o seu melhor

O sistema educacional não consegue convencê-los de que possuem potencialidades, tal como os outros, além do fato de o meio familiar já ter interiorizado a ideia de que as dificuldades de ordem escolar são quase insuperáveis. Sendo assim, esses jovens não encontram recursos, nem dentro do sistema escolar, nem tampouco fora dele, ou seja, na família, que poderia apoiar, estimular seu aprendizado.

Para ter sucesso quando se é particularmente desfavorecido no sistema escolar, seria preciso tanto que a família fosse muito organizada, fizesse sacrifícios para o sucesso escolar, como também que o sistema escolar se mostrasse favorável ao sucesso dos mais desfavorecidos. Ora, muito frequentemente há uma espécie de interação entre as dificuldades encontradas no meio familiar e as dificuldades com as quais a instituição escolar se depara para integrar os jovens dos meios populares. Essa dupla desvantagem joga contra as categorias populares, mas eu diria que, de qualquer forma, houve também uma grande mudança nesses últimos anos. Se a gente se referir à França, por exemplo, no período dos 30 Gloriosos¹², havia desigualdades escolares muito fortes, mas a escola resultava em um emprego. É verdade que existiam desigualdades muito importantes, além de uma orientação às categorias populares para formações curtas e profissionalizantes, devido à necessidade de mão de obra para as usinas. Então havia um direcionamento profissional muito precoce. Neste contexto,

12

[N.T.] Refere-se ao período conhecido como “Os 30 anos gloriosos do capitalismo” (1945-1973), onde a maioria dos países desenvolvidos alcançou um grande desenvolvimento econômico.

a escola operava como um sistema de triagem, conseguindo, de qualquer maneira, integrar o jovem no mercado de trabalho. Quer dizer, existia de fato uma ligação entre o meio escolar e o meio profissional. Os filhos de operários sabiam que iam para a escola e que, depois da escola, existia um futuro profissional já traçado. De tal forma que, do ponto de vista da percepção das desigualdades, existia a ideia de que a escola, apesar de tudo, preparava para o emprego; de que a escola era um lugar de passagem obrigatória para ascender ao emprego. Logo, nesse período onde se vivia na França um contexto de pleno emprego, falava-se muito mais de dominação. Dominação no sentido de todas as teorias da reprodução de Pierre Bourdieu ou de Jean Claude Passeron (1970), ou também de todos os trabalhos de inspiração marxista de Cristian Baudelot e de Roger Establet (1971) sobre a escola capitalista na França, por exemplo. A ideia principal era de que as desigualdades entre as classes sociais eram enormes, mas elas não eram entendidas nos termos de integração social porque justamente a escola conseguia, apesar dessas desigualdades, promover a integração dos jovens no mercado de trabalho

A ruptura entre a escola e o mercado de trabalho

Hoje, as desigualdades entre as classes sociais ainda são muito fortes e, além dessas desigualdades, a ligação entre a escola e o mercado de trabalho se rompeu. Ou seja, a escola produz jovens que não possuem outros destinos que o de estarem desempregados. Então hoje os problemas de integração social se juntam a esses problemas tradicionais de desigualdades entre as classes sociais.

Entrevistador – Você poderia explicar como se dá a integração na sociedade francesa? Penso que este é um conceito que não pode ser generalizado. O sentido prático da integração no Brasil não é o mesmo que na França? A transcrição literal do termo pode causar mal entendidos para o leitor desta entrevista. Sendo esta uma concepção chave tanto para o seu trabalho como para o do Robert Castel (1987), como este termo pode ser interpretado? Isto é, quando a integração é inexistente para o indivíduo no contexto social, pelo menos uma de suas formas, por exemplo, a perda do emprego, ou quando um desses lugares sociais de integração social falha, o que acontece? Por favor, explique as diferenças possíveis em contextos diversos como em

nossos países – Brasil e França?

A questão da integração social é diferente entre outras partes do mundo?

Serge Paugam - Primeiramente, a questão da integração, tal como eu a defino, se dá em diferentes tipos de ligações sociais. Ela permite estudar, compreender como o indivíduo está ligado à sociedade. Então, por isso, em meus trabalhos, eu desenvolvo a ideia de que o indivíduo está ligado à sociedade através de vários tipos de ligações sociais. Eu defino quatro grandes tipos de ligações sociais e considero que eles são válidos para todas as sociedades.

Em todas as sociedades modernas, estamos conectados ao meio social através de quatro tipos de ligação. A integração faz o entrecruzamento entre essas conexões. Quanto mais elas forem entrecruzadas e particularmente fortes, mais o indivíduo vai estar integrado à sociedade. O primeiro tipo de ligação, a ligação de filiação, é a relação que se mantém ao longo da vida entre pais e filhos. O segundo tipo é ligação de participação eletiva. É a ligação que se escolhe ao longo da vida, seus amigos, seu companheiro. São todas as escolhas que são feitas na vida para entrar em contato com pessoas ou grupos que podem vir a oferecer proteção e reconhecimento. O terceiro tipo de ligação é a ligação de participação orgânica, que está ligada justamente à escola e ao mundo do trabalho. Quer dizer, à essa relação entre o sistema escolar e o mundo do trabalho. O indivíduo aprende e se socializa no mundo do trabalho por intermédio da escola. No sistema de trabalho, ele aprende a ocupar uma função que é complementar às outras funções. Assim, o indivíduo é integrado por esse tipo de ligação de participação orgânica por se sentir complementar aos outros. Ele tem então um estatuto social que o une à sociedade. O quarto tipo de ligação é o que chamo de ligação de cidadania. É a ligação que une o indivíduo à nação na qual ele evolui e que se traduz pelo fato de ter direitos e deveres específicos. A ligação de cidadania protege e ao mesmo tempo reconhece o indivíduo em sua capacidade de soberania. Quer dizer, a gente reconhece que ele tem uma importância porque considera que ele deve ir votar, por exemplo. E então, nesse aspecto, ele é cidadão e reconhecido do mesmo jeito que outros cidadãos pelo princípio da igualdade. São esses quatro tipos de ligação que vão permitir a integração.

Entrevistador - Você traduziu «inégalité» como pobreza, isto quer dizer que você entende que a precariedade econômica, assim como todos esses diferentes níveis de integração, precisam ser organizados. Então, qual é o lugar da pobreza na educação? No Brasil, e talvez aqui também, o fator econômico tem grande papel na definição de pobreza; tem a função de decidir quem é pobre e quem não é, mas você está definindo a pobreza de outra forma. O nível de não integração é mais relevante que o fator econômico para definir pobreza? Pode-se entender então que existem diferentes tipos de pobreza? Isto é, uma pessoa pode ser pobre e não ter conhecimento sobre seu potencial para sair deste contexto, não saber como mudar de uma situação de pobreza para a de não pobreza? Considerando alguns aspectos dessas categorias que você acabou de definir, como é esta pobreza? Em que sentido o pobre pode ser ajudado por professores? Eles podem ajudar o pobre a se integrar? Pois é difícil o professor perceber que o aluno pobre tem potencial, que ele pode aprender. Muitas vezes os pais são obrigados a empurrar os seus filhos para o trabalho, induzindo-os a sair da escola muito cedo, entretanto, esses mesmos pais ainda acreditam que a escola pode ajudá-los a sair da condição de pobreza. Por exemplo: a primeira geração que migrou do nordeste para sudeste do Brasil, pessoas que passaram pela escola em suas infâncias mas não conseguem um bom emprego hoje, nem mesmo após a migração, ficaram mais descrentes sobre o papel da escola como uma alavanca para seus filhos saírem da pobreza. O ex-presidente do Brasil, o Lula, se quer completou o ensino básico e não se poupou em dizer que isso não fez diferença em sua vida. Ele passou uma mensagem a esta nova geração de pobres de que você não precisa de escola para ser bem sucedido. Além dele, uma gama de jogadores de futebol, artistas, dentre outros, têm passado esta mesma mensagem. Nós que acreditamos na escola, passamos a ser pessoas estranhas. Por que estudar? Por que fazer a pesquisa? Então, como se poderia tentar integrar estes alunos? Como os professores podem ajudar estes alunos a entenderem que o que você está dizendo é muito importante?

Serge Paugam – Eu compreendi muito bem sua questão, o seu ponto de vista, você defende uma causa justa. Logo, se pegarmos esse princípio dos quatro tipos de ligação, nos damos conta de que em todas as sociedades a integração é desigual porque os indivíduos não são colocados em condições iguais do ponto de vista das ligações sociais. Se pegarmos a ligação de filiação: hoje, por exemplo, na França,

sabemos que a possibilidade de ter contatos com sua família, com seus pais, é muito desigual segundo as categorias sociais. Se visualizarmos o meio operário hoje, sem dúvida não no Brasil, mas na França, o meio operário tem muito menos relação com seus pais do que as categorias superiores. Quanto mais se sobe na hierarquia social, mais se tem contatos com os pais. Vemos isso nas estatísticas da França. É fascinante. Quer dizer que quando se advém de uma família socialmente superior, tem-se muito menos chance, em relação à um indivíduo advindo de um meio operário, de terminar sua vida em um abrigo ou asilo para pessoas de idade, com pouco ou nenhum contato familiar. Vemos que essa probabilidade de fraqueza da ligação de filiação é muito mais importante nos meios operários e diminui na medida em que se sobe na hierarquia social. Então, até aqui, quando se analisava as desigualdades, esquecia-se deste aspecto, e ele é muito importante. A integração é muito desigual desse ponto de vista. Logo de início, a família tem um papel fundamental nas desigualdades.

Se analisarmos os outros tipos de ligações sociais é a mesma coisa. Se você considerar a ligação de participação eletiva, constatará que a probabilidade de ter pessoas ao seu redor, relações que trazem proteção e reconhecimento, varia consideravelmente de um meio social a outro.

Entrevistador - Fazendo uma análise simples da questão das desigualdades no Brasil, considerando a política assistencial, parcialmente copiada de países como Inglaterra e EUA, por exemplo, que atualmente distribui bolsas família para as mulheres pobres na forma de uma quantia em dinheiro com a condicionante da frequência escolar de seus filhos, e do número de filhos por família cujas mães encontram-se desempregadas; Os dados sobre os resultados dessa política no Brasil demonstram que talvez não seja esta a solução para a integração da criança à escola e, muito menos, para a superação da pobreza, visto que as escolas manipulam a frequência dos alunos para favorecer as mães, que ficam impedidas de buscar um emprego sob a pena de perder o auxílio financeiro. O governo preferiu dar o dinheiro às famílias do que melhorar o acesso à escola e as condições dos professores. Eu penso que esse tipo de doação em dinheiro é opressivo, especialmente quando envolvem como condicionantes escolas e comprovantes de desemprego para a obtenção dos

benefícios. O que você acha disso?

Serge Paugam – Em relação ao mercado de trabalho, vivemos efetivamente desigualdades consideráveis quanto à probabilidade de se estar ou não empregado. Por exemplo, de se estar em situação precária quanto ao desemprego e ao tipo de trabalho existente. Ao levarmos em conta a ligação de cidadania, que normalmente deveria ser uma ligação perfeitamente igualitária, constatamos também que isso não é verdade, porque existem espaços públicos, por exemplo, ou de recursos públicos que são monopolizados pelas categorias superiores da sociedade. Na verdade, em todas as sociedades, se levarmos em conta os quatro tipos de ligação de que falei anteriormente, vemos que o princípio de integração é necessariamente muito desigual de um meio social para outro. E é a razão pela qual, na sociologia que eu faço, considero que não são somente desigualdades no sentido econômico, no sentido do consumo, são desigualdades que tocam o próprio princípio da integração.

Como compreender a pobreza? Ela pode ser transformada através de transferências financeiras?

Serge Paugam - Primeiramente, a questão da pobreza, se definida exclusivamente em termos monetários, logo se vê que chegamos a convenções que conduzem a indicadores extremamente grosseiros. Quero dizer, a distinção entre aquele que é pobre e aquele que não o é não é muito pertinente de um ponto de vista sociológico. Isso permite simplesmente fazer comparações entre países, mas nunca, de maneira alguma, compreender a pobreza. Então isso já é um primeiro ponto.

Acredito que para compreender a pobreza, é preciso levar em conta justamente a pluralidade das ligações sociais, dos mecanismos de integração social. Eu defendo uma abordagem multidimensional da pobreza. Não posso considerar que somente a dimensão econômica é suficiente para pensar na questão da pobreza. E nesse ponto de vista, seguindo a análise que você faz, eu defendo que seria preciso muito mais do que simplesmente dar um pouco de dinheiro aos pobres para que eles saiam da pobreza.

Ora, eles podem passar acima da linha de pobreza, mas ficar particularmente pobres no ponto de vista das outras dimensões que devemos levar em conta na

questão da pobreza. Então, fundar toda uma política pública em torno da ideia de que é preciso dar mais dinheiro aos pobres para que eles saiam da pobreza, é, penso eu, uma ilusão. É preciso certamente considerar transferências financeiras, mas não fazer apenas isso, porque as transferências financeiras não são suficientes para transformar a questão da pobreza, ou lutar profundamente pelas populações em situação de pobreza.

Acredito que essa política, que consiste em colocar a ênfase no fato de sair da pobreza monetária, seja muito popular. E isso, evidentemente, explica o sucesso que ela faz junto às pessoas que se beneficiam desse suplemento de renda. Mas não acredito que isso seja capaz de melhorar significativamente a verdadeira integração dessas populações nos diferentes tipos de ligação de que falei: de filiação, de participação eletiva, de participação orgânica e de cidadania. Isso não é o suficiente porque, normalmente, o que devemos fazer em uma política pública é reforçar esses quatro tipos de ligação ao mesmo tempo. Reforçar a ligação entre os pais e os filhos, as relações de solidariedade familiar, que se traduzem pelo fato de que os pais podem, em consideração a seus filhos, estar preocupados em conseguir a integração no sistema educativo, no sistema profissional.

Entrevistador - Sim. Mas nas escolas brasileiras a relação entre os pais e as escolas é muito frágil. Eles, quase sempre são chamados à escola para ouvir reclamações dos professores e gestores sobre o mau comportamento de seus filhos. Por aqui talvez esta realidade seja um pouco diferente, mas no Reino Unido verifica-se, quase sempre, a mesma situação. Um pouco melhor do que no Brasil, com certeza, mas ainda sim uma utopia, para os professores, trabalhar a integração com a família. Eu fiz uma pesquisa no ano passado sobre gênero e violência nas escolas e fiz uma proposta para os alunos. Eles colaboraram com a pesquisa. Eles acrescentaram a categoria família às categorias que propusemos, e disseram: como é que nós podemos trabalhar esses temas, tratar da família, se podemos ir à comunidade, mas eles não podem vir até aqui? Portanto, você acha que podemos ensinar os professores a lidar com o processo de integração da família à escola em termos de igualdade e desigualdade?

Como reforçar essas ligações entre os pais e a escola?

Serge Paugam - Eu percebo que é um verdadeiro desafio. Talvez em uma sociedade muito desigual, o desafio seja ainda maior, porque os pais se habituaram a uma ordem social na qual eles não têm seu lugar no sistema escolar. Então isso faz parte de seu *habitus*: estarem fora do sistema escolar, não serem considerados como parceiros do sistema educacional. Em sua infância eles interiorizaram essa ideia de que é normal não serem convidados a participar da vida na escola.

O caso do Brasil

Talvez o presidente Lula, de certa maneira, também tenha interiorizado essa ideia. Ele teve uma promoção social excepcional pelo viés do sindicalismo operário. Conhecemos sua história, mas talvez ele ainda esteja impregnado com esse modo de organização das famílias populares. Acredito que ele não era o mais indicado para inverter o processo. Sua história explica, de alguma forma, sua atitude. Paradoxalmente, aquele que teve uma extraordinária ascensão social talvez não tenha tido uma clara consciência das questões de classes em torno da escola. É o meu sentimento. Eu penso que se quisermos realmente impulsionar uma verdadeira política educacional, será preciso investir, antes de tudo nos bairros, em centros culturais, para encorajar as pessoas a irem às bibliotecas e às escolas. Criar um ambiente propício para a difusão do saber e da cultura. É possível. É uma questão de vontade dos professores, mas também dos atores políticos. Parece-me que em países como o Brasil há ainda muito conservadorismo por parte da elite. Parece que muitos membros da elite pensam primeiro no futuro de seus próprios filhos.

A classe elitista coloca seus filhos em escolas privadas que favorecem a reprodução desta própria elite. Não acredito que a elite tenha uma visão muito republicana da educação. É muito desigual. De alguma forma, essas desigualdades são percebidas como naturais, apesar de serem, antes de tudo, culturais. Enfim, talvez eu me antecipe um pouco, mas não me parece que haja no Brasil, atualmente, uma verdadeira vontade política de mudança profunda do sistema educativo. Em todo caso, não é o que vimos sob a presidência de Lula. É, de qualquer forma, uma grande fraqueza de seu programa. Esperávamos, no Brasil, que um partido progressista que chegasse ao poder colocasse ênfase na educação. Não foi o caso. É um pouco

lamentável.

O caso da França

Para voltar à questão da França, a problemática é um pouco diferente, mas existe. A diferença é que a França teve, no seu passado, um projeto muito forte em termos de educação: a escola pública obrigatória e a formação dos professores. Ela insistiu no princípio da educação para todos e tentou subir o nível cultural dos franceses. Hoje esse modelo de integração pela escola está sufocado. Ele é confrontado por dificuldades consideráveis. Em grande parte pelo fato de que se constata também na França que as escolas estão em situações muito desiguais umas em relação às outras. Cada vez mais as escolas que estão em bairros populares são mal avaliadas, mal consideradas pela população. Lá estão crianças de meios populares ou, frequentemente, crianças originárias da imigração. Em certas escolas praticamente não se encontram crianças que não sejam oriundas da imigração. E isso as torna escolas periféricas, escolas de relegação para crianças de classes populares. Então o princípio geral que se tinha de educação igualitária é colocado em questão devido a esse desenvolvimento muito desigual também no seio do sistema escolar.

O Brasil no contexto econômico atual: como funciona o sistema de integração na França e no Brasil?

A França tinha princípios, mas há uma diferença entre os princípios e a realidade. Logo, o fenômeno se produz também na França de hoje. As desigualdades, ainda mais flagrantes, se revelam no sistema escolar. Dessa forma, nos aproximamos um pouco, infelizmente, à problemática de outros países, como o Brasil, com fortes diferenças ligadas à tradição que conhecemos, ou seja, à tradição republicana da educação para todos. É o que me parece. Mas esse sistema está hoje passando por muito mais dificuldades.

Entrevistador - Em seus exemplos, a sua pesquisa estava mais relacionada com problemas de imigração. Problemas de pessoas que não estão integradas porque têm dificuldades com a integração em um outro país; em sua maioria estrangeiros de segunda e terceira geração que vivem aqui na França. Será que passados esses anos da

publicação do seu livro - “A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza” de 1994, algo mudou? Como se configura a nova pobreza hoje? A difícil conjuntura econômica, vivida na França desde 2008, aumentou as diferenças entre os mais pobres? Configurou-se uma nova relação com a pobreza?

Como a teoria sobre a nova pobreza se reconfigura no modelo francês atual?

Serge Paugam - Depois do surgimento desse livro, que trata de uma pesquisa feita nos anos 80, a situação piorou consideravelmente. Diria que desde que a Europa foi confrontada, em 2008, com uma terrível crise econômica, vemos a questão da desqualificação social se desenvolver, crescer ainda mais em nossa sociedade. Assim como nas sociedades europeias, aliás. A partir do momento em que uma sociedade como a francesa está confrontada com um desemprego de massa que não chegamos a resolver, isso aumenta os problemas de integração social. Por consequência, existirão na França cada vez mais pessoas que não vão se sentir bem integradas. Eu diria que tudo isso pode se explicar como um mecanismo bola de neve, pois a partir do momento em que não se está integrado no mercado de trabalho, onde se está ou desempregado, ou empregado sob contratos de duração determinada, sob contratos precários que não asseguram um nível de vida satisfatório e condições de trabalho satisfatórias; a partir do momento em que se está mal integrado profissionalmente, vai ser preciso viver permanentemente na insegurança, na insegurança social. Isso quer dizer que as famílias não podem programar seu futuro, porque elas estão em uma gestão diária do cotidiano. A partir desse momento, é claro que haverá numerosas consequências disso tudo. Essa dificuldade do mercado de trabalho, que afeta a ligação de participação orgânica, vai se traduzir por um enfraquecimento dos outros tipos de ligação. O que observamos é que, nas famílias onde os pais estão desempregados, as crianças crescem também dentro de uma insegurança econômica e social maior. Eles crescem inseguros, e isso se traduz por comportamentos menos controlados, inclusive quando vão para a escola. O fato de não crescerem em um mundo seguro os predispõem a atitudes mais agressivas, mais violentas quando na escola, porque o universo no qual eles crescem é um universo de insegurança. Eles devem afirmar sua existência através de comportamentos deformadores, e essa deformação vai, de

alguma maneira, ser um meio de resposta à insegurança na qual eles vivem. Um desemprego de massa tem efeitos diretos sobre o ambiente familiar e, conseqüentemente, em tudo o que tange o aprendizado escolar. Então, poderíamos dizer que o desemprego é como um câncer que se espalha em toda a sociedade e que predispõe a um enfraquecimento dos laços sociais. Penso que um país que não inclui a população no mercado de trabalho, que não oferece perspectivas em termos de emprego, é uma sociedade que arrisca ver todo o seu sistema de integração social se enfraquecer e produzir profundas desigualdades.

Entrevistador - No Brasil de hoje, além da bolsa família, existe um incentivo ao trabalho “por conta própria”. Existe uma avalanche de trabalhadores que se julgam empregados do terceiro setor, sem qualquer garantia de emprego ou formação para a tarefa que exercem. Eles se caracterizam pelo trabalho esporádico e sem qualificação, como encanadores, pintores, eletricitas, dentre outros. Para se tornarem independentes eles adotaram o autoemprego. Para tal, foram excluídos dos auxílios básicos de segurança, saúde e estabilidade oferecidos pelo trabalho assalariado. Esses novos trabalhadores muitas vezes acreditam que ter um nível educacional baixo não é relevante para o desempenho de sua função, afinal, eles não têm um chefe, podem fazer o que querem quando querem. Eles fazem o seu próprio dinheiro, são livres.

Eu acho que é muito contraditória esta realidade, pois eles têm a ilusão de ter trabalho bom e independente. O autoemprego atingiu uma boa parcela da população brasileira, trazendo implicações para as escolas, pois é comum, neste contexto, os filhos não irem para a escola quando os pais ficam sem trabalho e, conseqüentemente, sem dinheiro para pagar o transporte. Ou o contrário, quando deixam as crianças maiores sem ir à escola para cuidar das menores justamente para que a mãe saia para trabalhar. Quais são as implicações deste tipo de processo de trabalho? Como você vê este processo?

Serge Paugam - A situação atualmente é, de qualquer forma, muito diferente no Brasil da situação europeia e francesa, porque as oportunidades advindas do crescimento econômico são, poderíamos dizer, excepcionais. A situação é muito contrastada desse ponto de vista. No Brasil, há um sistema de integração que se dá em

grande parte sobre o acesso ao consumo. Vemos que o princípio é de consumir. Para ser integrado é preciso consumir.

Considero que o consumo cultural no Brasil é baixo em relação à França, enquanto o consumo de bens tem um valor maior para a sociedade brasileira do que para a francesa. Não é o consumo da cultura importante em si, ao contrário. Talvez tenhamos uma espécie de enfraquecimento da cultura. Eu conheço pessoas que estudaram o sistema educacional no Brasil há vários anos e que receberam nesse sistema muito mais do que as pessoas de meios pobres podem receber hoje. Então, há, penso, efetivamente, o acesso ao consumo como modo de integração. Isso se traduz, a meu ver, como um enfraquecimento cultural generalizado, pois na verdade dar-se-á importância unicamente ao parecer e ao bem estar que traz o consumo, não necessariamente aumentando o nível intelectual das pessoas. Tudo está voltado para o consumo. E então, a partir desse momento, a escola não pode parecer como um lugar de expressão, de realização de si se está mais voltada para os sucessos imediatos que trazem o consumo. E entre as escolhas das famílias pobres, das favelas, imagino eu, porque eu não fiz pesquisas no Brasil, se destacam escolhas em termos de acesso a bens materiais, como um carro, por exemplo, em detrimento às escolhas educativas para as crianças e, evidentemente, o objetivo é, antes de tudo, se realizar através do acesso ao consumo do que pelo acesso ao sucesso escolar das crianças.

Parece-me que em termos de desenvolvimento, um país que abre oportunidades de crescimento tão excepcionais como o Brasil de hoje teria interesse em apostar na formação e na educação para, justamente, consolidar seu lugar no mundo. Pois um país com um alto nível de formação para as massas populares vai permitir que, em seguida, essas pessoas possam ocupar empregos mais qualificados e, então, elevar o nível geral do país. Ora, temos a impressão de que atualmente o Brasil vai se satisfazer com um modelo de desenvolvimento que é fundado, talvez eu me engane, mas eu vejo isso do exterior, sobre o princípio de permitir produzir em massa a custos relativamente baixos e então de se satisfazer com uma mão de obra muito pouco qualificada. Porque a mão de obra pouco qualificada vai ser finalmente paga a níveis relativamente baixos. Isso vai permitir o crescimento econômico porque o Brasil

tem vantagens em relação a outros países como a França, onde o nível de remuneração e a proteção social é mais elevado. Então temos a impressão de que o Brasil joga nessa vantagem. O modelo vai favorecer mais o desenvolvimento a partir de baixos níveis de qualificação e vai ser compensado pelo acesso ao consumo. O acesso ao consumo vai justamente favorecer esse modelo de desenvolvimento atual porque isso vai permitir o crescimento da demanda interna no Brasil.

Entrevistador - Eu vejo um pouco de luz no fim do túnel, apenas um pouco de luz! As pessoas no Brasil são muito interessadas por tecnologia. Eu, particularmente, penso que a educação à distância é um tema complexo no Brasil, visto que temos uma educação presencial tão fraca. Acho que a tecnologia é boa como qualquer outro meio para promover o ensino. Se não se sabe usá-la, se não se avalia o seu conteúdo, ela não deve ter tanto valor. No ensino, nossa tecnologia é o nosso corpo. E é um pouco constrangedor ver isso como tecnologia, mas o corpo do professor é a maior tecnologia educacional em nosso país e muitos outros. As crianças brasileiras, independente do nível social ou econômico, têm acesso à televisão, aos celulares e às *lan houses*. Como melhorar a educação tecnológica? Tanto por parte dos alunos, quanto pelos professores, existe uma resistência muito grande ao uso de tecnologia na Educação. Isso é contraditório, pois mesmo as pessoas pobres têm telefone celular, têm televisão; 99% dos brasileiros têm televisão em casa, mas eles não têm água filtrada, por exemplo. Então, você vê algum futuro para o uso de tecnologia em Educação e pesquisa no Brasil?

A televisão e as tecnologias no Brasil e na França

Serge Paugam - Posso confirmar por ter visto isso no Brasil, pois eu visitei bairros pobres e favelas e pude constatar que muitas casas, até mesmo abrigos muito, muito pobres, possuíam realmente uma televisão.. Casas onde não havia absolutamente nada, mas a televisão estava lá, com pessoas assistindo futebol. É impressionante. Não pequenas, muitas vezes grandes televisões. Isso quer dizer que há um investimento... é incrível! É a televisão que é o bem mais precioso. Bom, na França também vemos este fenômeno quando fazemos pesquisa nos bairros populares. Demo-nos conta de que as pessoas têm dificuldades econômicas, às vezes não

conseguem pagar suas contas, comer corretamente, mas possuem uma grande televisão na sala. Então, é muito impressionante o que acontece hoje: a televisão e a tecnologia – um critério de distinção social; muito mais importantes nos meios populares do que na elite. Porque a elite pode se satisfazer com uma pequena tela de televisão, sem nenhum problema, mas nas famílias populares, é preciso que as TVs sejam as maiores possíveis porque isso mostra o status social. Acredito que aí, de alguma maneira, existe algo que é muito inquietante.

Vê-se a mesma coisa em torno da questão dos telefones portáteis. É impressionante ver, nos meios populares, mesmo aqui na França, nos subúrbios, onde existem problemas econômicos consideráveis, todos os jovens portando os mais sofisticados telefones, porque é um critério de distinção social. Não ter esses bens é ser inferior, quer dizer, é não estar realmente integrado. Quer dizer, na escala dos valores dessas pessoas de meios populares, ter acesso a esses bens é uma espécie de reconhecimento pelo consumo. Não é somente no Brasil.

No Brasil é ainda mais surpreendente, porque existe um contraste impressionante entre a qualificação profissional e o costume de assistir à TV, mas na França, em certa medida, nos bairros populares, temos também essa tendência. Poderíamos dizer que seria melhor investir mais no sucesso escolar, na compra de livros, em investimentos culturais, mas isso não é o que se constata, não mesmo. Há também um ponto diferente; Penso que a TV é, de qualquer forma, muito diferente na França e no Brasil. A televisão na França, pelo fato de ter canais públicos, divulga programas que podem ser de qualidade. Existem documentários que são realmente muito bem feitos, muito pedagógicos. Creio que em termo de acesso à qualidade da informação, a TV é melhor na França e na Alemanha. Temos um canal que se chama ARTE. É um canal franco-alemão excelente. Talvez não seja esse o canal que é visto pelos pobres na França, mas ele existe e é importante que ele exista.

Entrevistadora - A minha pergunta é: Existe um futuro para a pesquisa no que diz respeito à busca pelo entendimento da relação de pobreza, de educação e o uso de novas tecnologias? Existe um futuro para a pesquisa ao desenvolvermos um olhar para a tecnologia?

O que você pensa da relação pobreza-educação-tecnologia como objeto de estudo?

Serge Paugam - Penso que é alguma coisa que precisa ser considerada, porque o fato de se estar hoje em um mundo globalizado, com tecnologias como a Internet, obriga a repensar a relação entre o sistema educacional e a tecnologia. A meu ver, é preciso fazer sim estudos nesse sentido.

Entrevistador- A minha percepção, a minha pressuposição é de que a televisão seja uma fonte de exclusão, e a Internet também, porque leva as pessoas para longe da realidade por um longo tempo. Por isso, é uma espécie de terapia de distanciamento de si mesmo. Esse é o meu ponto de vista. Uma de minhas alunas escreveu uma tese sobre a televisão como sendo uma forma de exclusão. Mas muitos dos meus colegas acreditam o oposto, talvez porque eles vêem a TV como uma forma importante de difusão do conhecimento, o que eu concordo em parte, mas questiono a qualidade desse conhecimento. Assim, ela inclui para excluir. É um tipo negativo de inclusão. O que você acha disso?

Serge Paugam – Seria bom distinguir a televisão da Internet. Talvez sejam duas coisas diferentes. Penso que a televisão, quando os programas são bem estudados, em canais públicos de qualidade, pode favorecer, de certa maneira, a ligação social. Mas hoje o que se constata é que a multiplicidade de canais faz com que as pessoas troquem constantemente de um canal para outro. Quando existia, na França, no início da televisão, um canal público, ou dois, até três, havia três canais, podia-se dizer que os franceses, quando viam a televisão, partilhavam praticamente da mesma cultura. Então isso favorecia a ligação social. Na minha época de escola, às segundas-feiras, todos comentavam do mesmo filme visto no final de semana, Era uma ligação social. A partir do momento em que os canais são consideravelmente diferentes uns dos outros, não temos nunca a certeza de que poderemos conversar com uma ou outra pessoa sobre o que se viu, porque não vimos a mesma coisa.

Mas sobre a questão da Internet, penso que pode ser um bom suporte para o ensino, para favorecer a cultura. Mas penso que o que se constata muito frequentemente é que os que são realmente viciados na Internet constroem um

mundo virtual de relações e, muitas vezes, se isolam socialmente. Quer dizer, eles vão passar horas e horas alimentando suas redes sociais na Internet sem que isso se traduza em relações sociais concretas. É muito virtual.

A Biblioteca Pública de Informação do Centro Georges Pompidou vista como um centro agregado da cultura francesa de compartilhamento de produtos culturais

É uma interrogação que podemos ver também na cultura de todos aqueles que investem na Internet. Vi pessoas muito isoladas na vida, que só existem através da Internet. Isso também é impressionante.

Fiz ali, recentemente, uma pesquisa sobre os frequentadores em situação de pobreza. É muito interessante porque na biblioteca tem os sem abrigo, os SDF (Sem Domicílio Fixo), os desempregados, pessoas que são assistidas. Há até mesmo loucos que frequentam essa biblioteca. Eu fiz um trabalho sobre como eles utilizam a biblioteca, sobre os usos sociais da biblioteca. O que uma biblioteca traz quando está aberta, quando ela é cidadã, quando está aberta a todos? O que ela traz em termos não de recursos culturais, mas sociais? Isso permite pensar a educação e a cultura em termos de bens, tanto culturais quanto sociais. Isso me parece importante de se ter em mente: que a cultura não é simplesmente a cultura da elite, mas também a participação em uma comunidade, em uma vida social, e isso é possível a partir justamente desse contexto.

No Centro Pompidou há pessoas que veem à biblioteca para encontrar pessoas, para estabelecer relações, outras para se divertir, para assistir TV, outras porque faz frio e precisam se aquecer. São todos esses usos sociais que são interessantes. Então, na biblioteca, além dos bens culturais que ela traz, há também recursos sociais para as pessoas que são excluídas.

Os shoppings centers são protegidos por guardas que devem observar se pessoas pobres entram neles. Eles não são bem aceitos. Mas os shoppings são muito diferentes segundo as classes. É uma razão a mais para pensar que a integração pelo consumo é o principal modo de integração, porque acontece nos shoppings, bem como na praia, por exemplo.

O próximo projeto

Serge Paugam – Talvez eu possa lhe falar sobre um outro projeto, uma pesquisa apaixonante que já está em curso. É uma comparação internacional que faço entre Nova Deli, São Paulo e Paris, chamada « a elite e os pobres ». Pobreza através dos ricos. Na verdade, vamos em cada uma dessas três cidades entrevistar os membros da elite. Vamos a bairros ricos fazer muitas perguntas sobre a pobreza, sobre as desigualdades em relação a pobreza. Previmos fazer 80 entrevistas em São Paulo, 80 em Nova Deli e 80 em Paris. [...]. Escolhemos 4 bairros em cada cidade. Em São Paulo: Higienópolis, Morumbi, Alfavile e Jardins. Vamos tentar fazer comparações sobre o modo como os ricos consideram a pobreza e se definem em relação à pobreza. É interessante, porque é claro que há o discurso sobre a segurança, mas há também a questão higienista. A sujeira do pobre com quem não queremos contato, por exemplo, nos transportes públicos. Há também a questão da preservação de uma ordem moral em seu bairro. Queremos compartilhar dos mesmos valores, defender os mesmos interesses no próprio bairro, não tendo assim obrigações para com os pobres que moram em outros bairros. Há também o modo como se explica a pobreza. Será que é algo natural ou ao contrário, cultural? A questão da educação, é claro, também vai entrar em pauta. A Índia também é interessante porque há os sistemas de casta. Historicamente é muito interessante. Em São Paulo também há uma herança de desigualdades. Depois, na França, há um modelo republicano que diríamos que está desmoronando. Aí está, é interessante, acredito.

Referências

(AUTOR) Gênero e Pobreza: Práticas, Políticas e Teorias Educacionais - imagens de escola. **Relatório Final de Pesquisa**, Rio de Janeiro: Prociencia/UERJ/CNPq/FAPERJ, 2012.

PAUGAM, S. **La Disqualification Sociale** (4e Édition) Paris: PUF. 2009, 256p. ISBN: 9782130569671. Versão Brasileira. A Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza Tradução de Camila Giorgetti, Tereza Lourenço. São Paulo: Educ/Cortez. [1994], 2003. 331 p.

BOURDIEU P.; PASSERON, J C. **Reproduction de l'éducation, de la société et de la**

culture. Paris : Editons de Minuit. 1970.

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. **.L'Ecole capitaliste en France.** Paris: *Maspero*, 1971.

CASTEL, R. Les Métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat, **Fayard**, Paris, 1995.